



**Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología**

ISSN 1315-0006 / Depósito legal pp 199202ZU44

Vol. 24 No. 2 (abril-junio, 2015): 223 - 234

## **Crise capitalista mundial: a crise de hegemonia norte-americana é uma crise de dominação?**

*Gonzalo Adrián Rojas\**

---

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho es apresentar alguns elementos teóricos iniciais que permitam realizar una análise da conjuntura que entregue elementos para poder compreender si no marco desta crise, na qual ingressaremos no seu sétimo ano, estamos além de uma crise da hegemonia norte-americana, frente a uma crise de dominação. Esta será nossa hipótese central. Para isso dividimos o trabalho em três partes. Uma introdução onde apresentamos um conjunto de conceitos teóricos que servem para interpretar mencionada crise do capitalismo; uma segunda parte onde elaboramos uma hipótese sobre a relação entre classes sociais, estado e governos no Brasil e uma caracterização dos governos petistas para ter condições de entender em certa medida a reação ao impacto da crise no país e sua pertença aos BRICS como modelo a seguir para o estudo do bloco no poder nos Estados Unidos e uma terceira onde conceituamos hegemonia e dominação em função de nosso objeto e finalizamos com uma breve conclusão provisória onde sintetizamos porque entendemos que existe uma crise de hegemonia norte-americana, mas não uma crise de dominação e porque os BRICS não podem ser considerados uma alternativa contra-hegemonica.

**Palavras chave:** Crise capitalista mundial, crise de hegemonia norte-americana, crise de dominação?

---

Recibido: 15-01-2015/ Aceptado: 02-02-2015

\* Universidade Federal de Campina Grande. Paraíba, Brasil. E-mail: gonzalorojas1969@hotmail.com

## Crisis capitalista mundial ¿Una crisis de la hegemonía estadounidense o una crisis de dominación?

---

### **Resumen**

El objetivo es presentar algunos aspectos teóricos que permitan realizar un análisis de coyuntura que aporte elementos para comprender si en el marco de este proceso crítico que llega al séptimo año, estamos dentro de una crisis de la hegemonía norte-americana o en medio de una crisis de dominación. Esa será nuestra hipótesis central; por eso dividimos el artículo en tres partes: una introducción en la cual presentamos un conjunto de conceptos teóricos que sirven para interpretar la mencionada crisis del capitalismo; una segunda parte donde elaboramos una hipótesis sobre la relación entre clases sociales, Estado y gobierno en Brasil y una caracterización de los gobiernos pepetistas para entender en cierta medida la reacción y el impacto de la crisis del país y su pertenencia a los BRICS como modelo a seguir y para el estudio del bloque en el poder en los Estados Unidos; una tercera parte en la cual conceptualizamos hegemonía e dominación en función de nuestro objeto y finalizamos con una breve conclusión provisional donde precisamos porque entendemos que existe una crisis de hegemonía norte-americana, mas no una crisis de dominación e porque los BRICS no pueden ser considerados una alternativa contra-hegemonica.

**Palabras clave:** Crisis capitalista mundial, crisis de la hegemonía estadounidense, crisis de dominación.

## Worldwide Capitalist Crisis. A Crisis of US Hegemony or a Crisis of Domination?

---

### **Abstract**

The objective is to present some theoretical aspects that make it possible to analyze the conjuncture that contributes elements for understanding whether within the framework of this critical process, which is reaching its seventh year, there is a crisis of North American hegemony or we are in the midst of a crisis of domination. That will be the central hypothesis. The article has been divided into three parts: an introduction that presents a set of theoretical concepts, which serve to interpret the aforementioned crisis of capitalism; a second part, that draws up a hypothesis about the relation among social classes, State and government in Brazil and a characterization of the PPT governments, in order to understand, to a certain degree, the reaction and impact of the crisis of the country and its belonging to BRICS as a model to follow and study the block within the power of the United States; in the third part, hegemony and domination are conceptualized in terms of the article's objective. The paper ends with a brief, provisional conclusion that specifies why a North American hegemonic crisis exists, but not a crisis of domination, and why BRICS cannot be considered a counter-hegemonic alternative.

**Keywords:** World capitalist crisis, crisis of US hegemony, crisis of domination.

## **Introdução: A atualidade das teorias marxistas**

O ponto de partida deste texto é que depois de uma ofensiva, política, econômica, social, teórica e militar, esta última no caso de América Latina, por citar um exemplo, contra os trabalhadores, conhecida mundialmente como neoliberalismo, que mudou o modelo de acumulação no modo de produção capitalista e impulsionou a hegemonia do capital financeiro sobre a classe operária mas também sobre as outras frações do capital, o marxismo continua sendo uma teoria que permite entender as crises do capitalismo contemporâneo em termos teóricos e uma guia para a ação na luta pela superação do capitalismo e a construção do socialismo no mundo nas trilhas de uma sociedade comunista. A atualidade desta teoria, permanentemente desqualificada pelas burguesias de todos os países e nos espaços acadêmicos, é reconhecida inclusive pelos seus próprios inimigos de classe. Ao explodir a crise capitalista mundial em setembro de 2008 integrantes da direita como o Ministro de Fazenda da Alemanha ou o chefe dos católicos de Munique, afirmaram que algumas partes da teoria de Marx no estavam erradas e paradoxalmente, numa economia mundial em recessão em vários lugares e para alguns economistas até no caminho de uma depressão, aumentaram as vendas do livro *"El Capital"* de Marx nos Estados Unidos, na Alemanha e em outros países.

Em diferentes escritos dos clássicos do marxismo, considerados clássicos justamente pela atualidade de suas preocupações, encontramos elementos para entender esta crise mundial e categorias para entender si estamos frente a uma crise de hegemonia sem uma crise de dominação. Em Karl Marx no mencionado livro *"O Capital"* e na *"Crítica da Economia Política"*, mas também no *"Manifesto do Partido Comunista"*, escrito com Fredrich Engels, onde realiza observações teorizaciones sobre o Estado e sua relação com as classes dominantes, sobre a transitoriedade das sociedades e a luta de classes, assim como no *"XVIII Brumário de Luis Bonaparte"* centralmente com os conceitos de classe e frações de classe, em uma relação de totalidade. A articulação destas leituras nos permite retomar a ofensiva numa necessária luta teórica contra as visões economicistas no interior do próprio marxismo, que reproduzem a separação artificial entre economia e política, próprias da evolução do pensamento burguês como exemplificaremos mais abaixo.

O plano de trabalho de Lênin e sua obra *"Imperialismo, fase superior do capitalismo"*, expressa também necessidades teóricas e políticas atuais. Lembremos as exigências que tinham os revolucionários em 1917 segundo o revolucionário russo é preciso: a) aprofundar a elaboração teórica sobre o imperialismo num sentido marxista; b) elaborar um quadro de conjunto da economia política mundial, para compreender as tendências que atuam para superar a crise teórica e prática do socialismo e c) a reconstrução dum novo internacionalismo. Seguindo Lênin, então, podemos reafirmar a necessidade de apro-

fundar a elaboração teórica sobre o imperialismo, que é o capitalismo de nossa época e suas crises, para superar a crise teórica e política do socialismo mundial, depois do fracasso das experiências dos Estados operários degenerados, que cristalizam num coletivismo burocrático, assim como as socialdemocratas, na medida em que construímos um novo internacionalismo, já que o modo de produção capitalista é mundial.

Antonio Gramsci pela sua parte expõe a necessidade no estudo das estruturas de diferenciar os movimentos orgânicos de aqueles que são conjunturais. Os orgânicos são relativamente permanentes e tem um grande alcance histórico, os ocasionais, conjunturais, dependem dos primeiros, podem levar a algumas crises cíclicas, onde se questionem os governos, as políticas ou se realize uma crítica particular, mas tem um menor alcance histórico. O problema central em política, segundo o comunista italiano, é poder diferenciar os movimentos orgânicos dos conjunturais, já que confundi-los é um erro grave na história, quando se procura reconstruir o passado, é muito maior em política, onde o que se procura é construir a história presente e futura.

Da mesma forma que Marx e Engels polemizaram com os anarquistas, Lênin e Gramsci faziam o mesmo contra os economicistas, a crítica marxista ao economicismo continua sendo central, porque estes cristalizam a separação entre economia e política, como foi mencionado acima, e acaba sendo uma reprodução do "método" burguês de fracionar a realidade, ao interior das forças revolucionárias. Esse economicismo leva a graves erros políticos, surgem profetas da catástrofe capitalista pelas suas próprias contradições internas, mas cada vez que a realidade impõe contra sua vontade a necessidade de se pronunciar politicamente, fazem isso de forma reacionária. São economicistas porque procuram entender as crises capitalistas só a partir de categorias econômicas, razão pela qual, as lutas sociais, de classes, sempre ficam fora de sua análise.

Este modo de pensar é recorrente, mas só mencionarei o caso de Robert Kurz, alemão, que com seu grupo "crise da sociedade da mercadoria", conhecidos como o grupo "crise", já que tem seguidores em vários países do mundo, entre movimentos sociais e economistas marxistas. No Brasil em algum momento estavam concentrados na Universidade Federal de Ceará, pretendem elaborar uma nova teoria "com e além de Marx" e teorizam desde faz um tempo, na sua procura de completar as limitações de Marx na "Crítica da Economia Política" Simplificando, os kurzistas concluem que mais importante que lutar contra o capitalismo é lutar contra a sociedade da mercadoria e que o capitalismo se autodestrói produto de suas próprias contradições, independentemente de qualquer movimento o enfrentamento real no plano da luta de classes. Quando decidem se posicionar politicamente, por exemplo, nos bombardeios de Israel ao povo palestino, é feito a favor dos genocidas, argumentando

que a luta do povo palestino é produto de uma ideologia de crise culturalista pós-moderna elaborada pelas elites dos países islâmicos já ocidentalizados.

Da mesma forma, a importante teoria do sistema-mundo, elaborada por Immanuel Wallerstein, também pretende entender o desenvolvimento do capitalismo por fora da luta de classes. O combate ao economicismo continua tendo muita relevância na atualidade na perspectiva estratégica da luta anticapitalista.

### **A crise capitalista mundial: crise orgânica ou conjuntural?**

Nossa primeira hipótese, seguindo a Gramsci, é que estamos frente a uma crise capitalista mundial, orgânica, no só a uma crise conjuntural, frente à crise de uma forma de capitalismo, do modelo de capitalismo neoliberal.

É real que o capitalismo não pode garantir sua reprodução sem crises cíclicas, embora, não toda crise cíclica do capitalismo é uma crise cíclica mais, algumas são, más profundas, são orgânicas. Não estamos frente a um círculo crise, expansão, crise, que poderíamos nomear "normal", esta crise é uma crise orgânica, precisamente porque permite por em discussão o próprio modo de produção no seu conjunto.

A crise não se inicia num país capitalista periférico como foi o caso de México em 1994, a crise asiática de julho de 1997, a de Rússia em agosto de 1998 ou a própria crise Argentina dezembro de 2001 e janeiro de 2002, senão no centro da principal economia capitalista mundial, os Estados Unidos em setembro de 2008, que, simultaneamente é o principal comprador do mundo, o que faz, que o mundo tinha sinais de recessão.

Além do anterior destacamos que o neoliberalismo foi e é uma guerra do capital contra a classe operária; conseguiu incorporar novos mercados a economia capitalista, como a Rússia e os países do Leste Europeu desde a queda do Muro de Berlin em 1989 e a China desde 1978 e isto nos fatos fez o capitalismo mais mundial que nunca.

O conjunto da economia mundial está mais internacionalizada, e si poderíamos falar que entre os anos 2002 e 2007 existiu um crescimento da economia mundial relativamente homogêneo, que poderíamos denominar um mini-ciclo, a recessão também é mundial, o que acaba com as teorias que acreditam nas possibilidades de desenvolvimento capitalista autônomo como as que foram formuladas no seu momento por Lula no Brasil, Cristina Fernandez de Kirchner na Argentina ou Michel Bachelet durante sua primeira presidência no Chile, como uma primeira reação frente à crise.

Do ponto de vista das classes dominantes a resposta parece quase tirada de um manual, procuram aproveitar a crise para descarregar todo seu peso

nas costas dos trabalhadores e pretendem fazer passar como causas, fenômenos secundários. A crise seria então produto de "capitalistas irresponsáveis" e se resolve, com uma maior regulação dos mercados, com uma transferência de recursos públicos aos banqueiros e os especuladores, afirmando que é possível um "capitalismo responsável". A crise capitalista se enxerga como produto de desvios de conduta individuais e não como uma crise geral do sistema, em outras versões só como uma crise do neoliberalismo, não como uma crise do capitalismo no seu conjunto.

Entendemos que mesmo depois de quase sete anos estamos no início da crise e devemos ter em consideração as mudanças na política internacional, o papel do imperialismo norte americano, as lutas inter burguesias internas na própria Europa, as crises econômicas e políticas no Leste Europeu que barriram governos com mobilizações de massas, as greves contra a burocracia capitalista chinesa, a situação no norte de África no que se deu em chamar a "primavera árabe", assim como as condições econômicas e políticas que nos permitem pensar em um fim de século em América Latina.

### **Brasil no início da crise capitalista mundial de 2008. Algumas caracterizações sobre o governo Lula**

Considero importante para entender a crise capitalista no Brasil, primeiro realizar uma caracterização dos governos petistas de Lula e Dilma, já que o primeiro era o Presidente nos inícios da crise – para depois expor as propostas deste governo para sair da crise, assim como as das diferentes saídas defendidas pelas frações burguesas no bloco no poder da formação econômico-social brasileira.

As burguesias e suas frações, nos países latino-americanos, só podem ser analisadas no contexto da internacionalização das relações capitalistas no atual curso do imperialismo, considerando América Latina como um campo específico de estudo. Seguindo a N. Poulantzas, utilizarei os conceitos teóricos classe, fração de classe e bloco no poder, já que em particular este último nos permite analisar as articulações das burguesias internacionais e nacionais com as políticas dos Estados, neste caso o de Brasil. O pressuposto do qual partimos, é que a burguesia não é uma classe homogênea, tem divisões estáveis que denominamos frações e que o bloco no poder é a articulação das frações das classes dominantes sob a hegemonia duma delas.

As frações burguesas mais importantes a ser conceituadas, em termos poulantzanos, são a burguesia compradora e burguesia interna. A primeira é a fração da burguesia mais internacionalizada e vinculada aos interesses imperialistas e que atua como uma simples intermediária do capital estrangeiro, em quanto que a segunda, convive com a burguesia compradora e não possui as

características estruturais da burguesia nacional, depende do processo de divisão internacional do trabalho dominado pelo capital internacional mas acumulada no interior de sua formação econômico-social, existem contradições com o capital norte-americano sem poder ser autônomo deste, intenta exercer seus efeitos sobre os aparelhos de Estado na suas relações com o mencionado capital. Não devemos confundir a burguesia interna com a burguesia nacional, que é uma fração autóctone da burguesia que a partir de certo grau e tipo de contradição com o capital estrangeiro, em geral nos países periféricos, alguma vez ocuparam um lugar relativamente autônomo deste na estrutura e na superestrutura ideológica e política o que gera como efeitos uma posição antiimperialista e/ou populista. Difícil pensar na possibilidade de este tipo de burguesia em países semi-coloniais como Brasil, mas no suposto caso que alguma vez existisse atualmente não existe.

Todas as frações da burguesia, contra os trabalhadores sempre mantêm seu acordo fundamental, luta pela retirada de direitos sociais e defesa da propriedade privada burguesa, mas tem diferentes propostas de saída a crise, como no seu momento, observamos no caso brasileiro.

Brasil é historicamente um dos países com maior industrialização de América Latina, tinha a poucos meses do início da crise maio de 2009, perto de 192 milhões de habitantes. Com a presidência de Lula, nos encontramos com um bloco no poder no qual a fração da grande burguesia interna melhora sua posição relativa no interior do bloco no poder neoliberal, mas não conquistou a hegemonia, dentro deste bloco continua sendo hegemônica a fração do grande capital financeiro nacional e internacional. Lula expresso uma mudança no interior do modelo neoliberal, tivemos um fortalecimento da grande burguesia interna, mudaram as relações de forças entre as frações de classe no interior do mesmo modelo, mas simultaneamente, não tivemos uma mudança no modelo. Compartilhamos nesta perspectiva a análise de Boito Jr., professor de Ciência Política da Unicamp sobre os primeiros anos do governo Lula.

Encontramos principalmente três leituras sobre o significado do governo de Lula. Uma expõe que é uma continuidade e aprofundamento do modelo neoliberal nos mesmos termos que Fernando Henrique Cardoso (FHC); outra argumenta o contrario, que existe uma ruptura na política econômica dos dois e em terceiro lugar estão aqueles que sustentam que este governo expressaria uma mudança no interior do modelo e não uma mudança de modelo, com esta hipótese estou trabalhando.

O prestigioso sociólogo da Universidade de São Paulo (USP), Francisco "Chico" de Oliveira, argumenta que no Brasil se conformou uma nova classe social, a partir da convergência programática entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Socialdemocracia Brasileira (PSDB), do ex-presidente FHC. Explica que a radicalização neoliberal do programa de Cardoso realizada

por Lula tem como base, por um lado a economistas e tecnocratas dos banqueiros, o núcleo duro do PSDB e ao sector dos trabalhadores operadores dos fundos de pensão, núcleo duro do PT. Os dois grupos são chaves no aceso ao controle dos fundos públicos e seriam as duas caras de uma nova e mesma classe. Completa o anterior afirmando que vivemos numa era da indeterminação onde as relações entre classe, interesses e representação são difusos. Tratar-se-ia de uma dominação de classe globalizada, mas sem política, porque no existe a política como possibilidade de realizar políticas nacionais. Para Plínio de Arruda Sampaio Jr., integrante de uma das correntes a esquerda do PSOL, um sector anticapitalista, mas minoritário em relação a aqueles que defendem um programa democrático-popular no lugar de um programa socialista, também existe continuidade, porque o governo de Lula acelerou o processo de reversão neocolonial vigente no Brasil desde fazia algumas décadas. Este continuísmo tanto da política econômica como da filosofia social das políticas seria um aprofundamento do neoliberalismo já que todos seus eixos foram radicalizados, um dos pontos altos deste aprofundamento seria o fato que o próprio FHC não conseguiu dar autonomia ao Banco Central como realizou Lula.

Marco Aurélio García, o principal assessor para América Latina do governo Lula e um dos ex-presidentes do PT, susteve desde o início do governo uma opinião contrária as anteriores, já que para ele a política econômica do governo foi uma ruptura com FHC e conseguiu resolver os gravíssimos problemas herdados da administração anterior. Entre outras cosas, reduziu a inflação, diminuiu a relação dívida interna – Produto Interno Bruto (PIB) expandiu o comercio exterior e com um conjunto de medidas conseguiu uma drástica redução da vulnerabilidade externa do país. Brasil, além disso, saldou seus compromissos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e derrubou as cifras do risco país. Estes logros macroeconômicos serão importantes para dar sustentabilidade a um novo e prolongado período de desenvolvimento, sem impedir o crescimento do país embora, no curto prazo, a um ritmo lento.

Enfim, segundo Boito Jr. como antecipamos o governo Lula alterou a relação do Estado brasileiro com a burguesia ao melhorar a posição relativa da grande burguesia interna industrial e agrária no interior do bloco no poder. É um deslocamento no interior do grande capital porque as pequenas e medias empresas continuam na mesma posição de subordinação da década passada. Esta abordagem considera preferível que as idéias gerais e lineais de continuidade e ruptura, assim como a de indeterminação elaborada por Oliveira, de dominação de classe sem relação entre as frações de classe e a política, já que não nos permitem compreender as reconfigurações no interior do bloco no poder. Os trabalhadores anticapitalistas e socialistas não têm nada a fazer nesse bloco. Este bloco no poder é o que desde o início do governo Lula, ataca os direitos dos trabalhadores a través de una reforma da previdência, na tentativa de limitar o direito de greve e nega as reformas urbanas e agrárias aos pobres

da cidade, que permitam solucionar o problema da vivenda popular e do campo, os camponeses sem terra, privilegia aos pobres desorganizados, com políticas sociais focalizadas, compensatórias, não estruturantes, com o objetivo político de mantê-los como uma massa passiva, vítima de todo tipo de clientelismos. O apoio a Lula também se sustenta nessa grande massa de pobres desorganizados que por primeira vez receberam ajuda social com o programa “Fome Zero” y “Bolsa família”.

Durante o longo período dos governos petistas de Lula e Dilma, a reposta a crise capitalista tem relação com as relações de força entre as classes dominantes no bloco no poder, e detrás de um discurso que poderíamos denominar “neodesenvolvimentista” se ocultava uma profunda reprimarização da economia, o que quando a crise pega forte com a queda dos preços das meterias primas no mercado mundial capitalista numa divisão internacional do trabalho construída pelo imperialismo, a resposta é mais ajuste.

Mas que acontece nos Estados Unidos, porque nossa hipótese a firma que estamos frente a uma crise política sem crise de dominação.

### **Crise capitalista mundial: a crise de hegemonia norte-americana é uma crise de dominação?**

O dado de relevância que temos que sublinhar, como afirmamos mais acima é a crise não se inicial num país capitalista periférico senão no coração da principal potencia imperialista mundial, que é também a principal economia capitalista mundial, os Estados Unidos em setembro de 2008. Os Estados Unidos simultaneamente é o principal comprador do mundo, o que faz, necessariamente, que o mundo de forma desigual e combinada entre em recessão. A partir desta situação com importantes repercussões, apresentamos a seguinte hipóteses: os Estados Unidos vivenciam uma crise de hegemonia, mas que no é necessariamente uma crise de dominação, ja que continua sendo a potencia militar mais forte do mundo.

Na primeira parte deste trabalho apresentamos um conjunto de categorias teóricas que nos brindariam elementos para que possamos pensar a crise e nossa hipótese central. Acrescentaremos a continuação dois conceitos mais: hegemonia e dominação.

O conceito hegemonia tem uma longa tradição no marxismo, desde que Lênin tomou dos teóricos burgueses que o utilizavam para discutir as relações entre os Estados e o levo ao interior de uma formação econômico-social concreta, para explicar a necessidade política de uma aliança operário-camponesa dirigida pelo proletariado. Mas quem desenvolverá o conceito será Gramsci. Utilizo uma interpretação da hegemonia nos termos expostos pelo próprio Gramsci em termos materialistas históricos, excluindo reconceitualizações idealistas como

as de Ernesto Laclau. Entendo como complementárias as definições realizadas pelo comunista italiano nos "Cadernos do Cárcere" tanto na parte conhecida como "*Americanismo e fordismo*" no qual articula o conceito de hegemonia com a produção material na fábrica com o que aparece nos mesmos *Caderni* no que dedica a "*Os intelectuais e a organização da cultura*", quando expõe que a supremacia de um grupo social se manifesta, -de duas formas, por um lado como domínio e por outro como direção intelectual e moral. As bases materiais são para Gramsci, os pilares sobre os quais se assenta a hegemonia.

Para o filósofo da práxis italiano a *hegemonia pressupõe que se levem em conta os interesses materiais e as tendências dos grupos sobre os quais se exerce a hegemonia, que se forme certo equilíbrio de compromisso, quer dizer que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa, mas tais sacrifícios e compromissos não podem concernir ao essencial, já que se a hegemonia tem uma dimensão ética-política, também tem uma dimensão econômica e está apoiada na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo reitor da atividade econômica.*

Em referencia ao conceito de dominação trabalhamos com numa perspectiva marxiana no marco de uma teoria das classes sociais e não em termo weberianos. Por isto levantamos a questão marxiana de quem domina? para depois explicar como se domina. Como se domina é a preocupação weberiana por excelência para explicar a legitimidade da dominação desde outra perspectiva epistemológica e política.

Em síntese, entendemos dominação no sentido de força por acima do consenso na política entre os estados no marco de uma teoria do imperialismo leninista.

Uma vez realizadas estas conceitualizações acrescentamos os seguintes elementos específicos para tentar responder a pergunta inicial, vinculada a nossa hipótese central, existe uma crise de hegemonia norte americana sem uma crise de dominação?

Depois de quase sete anos de crise capitalista tivemos um período onde de fato as economias norte-americanas e européias ingressaram em uma recessão que se manifesta de uma forma desigual e combinada, isto é independente dos últimos dados da economia americana no início de 2015 que apresentam um crescimento das manufaturas e uma queda na indústria automotiva, um conjunto de indicadores que parecem como contraditórios e que se manifestam também na desaceleração da economia chinesa e um grande impacto da crise nos países "emergentes", bem longe da crise como "marolinha" ironizada no seu momento pelo então presidente Lula, com uma particular combinação de crises econômicas e políticas na America Latina.

Estas crises estão acompanhadas de relevantes fenômenos políticos como são as mobilizações de massas centralmente protagonizadas pela ju-

ventude, que comoveram diferentes partes do mundo desde *Occupy Wall Street* no coração do imperialismo, até Turquia, Egito e o conjunto de movimentos em países do Norte da África, no que foi conhecido como a “Primavera árabe”, Brasil ou Chile, só para mencionar alguns exemplos.

Em todo este período a hegemonia norte-americana ficou abalada, se encontra em crise, observamos elementos de um declínio como potência hegemônica, mas os Estados Unidos continuam sendo a principal potência em termos de dominação político-militar.

O militarismo norte-americano em Iraque contra a maioria sunita e no Afeganistão contra os Talibã acabou fortalecendo o Irã, por exemplo, a proscrição dos sunitas pelo governo apoiado na intervenção norte-americana em termos eleitorais no Iraque fez que triunfasse nesse país a minoria xiita aliada do Irã. Pela sua vez a “Primavera Árabe” muda as relações de força entre os países no âmbito regional, assim como a força de seus principais aliados e a Síria aparece como um verdadeiro pantano para vários países imperialistas.

Neste contexto, os BRICS, independentemente de certos discursos que aparecem como uma alternativa contra-hegemônica, não é um bloco homogêneo e a própria China não tem força real para disputar a hegemonia norte-americana.

Vislumbramos uma luta intercapitalista muito importante entre Estados Unidos e Alemanha para ver quem paga o custo da crise, assim como uma luta entre burguesias internas europeias que novamente tem como protagonista a Alemanha e gera fenômenos políticos neo-reformistas na Europa, contra a tripla: Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional, como Syriza na Grécia e Podemos na Espanha que ao separar a luta contra austeridade da luta anti-capitalista, enfraquecem a primeira e renunciam a segunda.

### **Breves conclusões**

Podemos concluir provisoriamente que estamos frente a uma crise de hegemonia dos Estados Unidos, principal potência imperialista, no marco de uma crise orgânica do capitalismo mundial, mas que continua sendo a principal potência militar do mundo de longe.

Um período de crise orgânica permite colocar em questão o bloco histórico imperialista dominante, a particular articulação entre estrutura (econômica) e superestrutura (política, jurídica e ideológica) da formação econômico-social norte-americana que projeta a suas classes no plano da política internacional. Mas para que o bloco histórico dominante atual seja substituído por outro é preciso que esse outro expresse os interesses da classe operária e os setores subordinados da sociedade, as classes subalternas, por usar um termo gramsciano também no plano mundial.

Não existem hoje Estados Operários, socialistas, transicionais, que expressem essa correlação de forças hoje, por isso não estamos entendendo que exista uma crise de dominação.

As oposições estatais burguesas, mesmo mudando as relações de força no interior no bloco no poder como apresentamos no caso brasileiro, com as caracterizações sobre os governos petistas e que se articulam nos BRICS, não são alternativas a hegemonia norteamericana, pelo próprio fato de se tratar de lutas inter estatais que expressam as lutas inter burguesas no plano mundial. Os BRICS não questionam a divisão internacional do trabalho realizada pelo imperialismo e na medida que não seja superado o bloco histórico hegemônico pelos Estados Unidos existira uma tendência, nunca sem crise, produto da luta de classes, a uma recomposição mais reacionária do bloco no poder na formação econômico social norte-americana que se expressa no plano mundial.

O desafio é que a classe operária e seus aliados sejam capazes de construir esta hegemonia alternativa de forma independente dos patrões, dos governos e do Estado, um novo bloco histórico que permita intervir na crise.

### **Referencias bibliográficas**

- ARRIGHI, G. (1998). **A ilusão do desenvolvimento**. Petropolis: Vozes.
- BORON, A. (2002). **Império & imperialismo**. Uma leitura crítica de Michael Hardt e Antonio Negri. Buenos Aires: CLACSO.
- FONTES, V. (2010). **O Brasil e o capital imperialismo**. Teoria e Historia, Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- GRAMSCI, A. (2007). **Cadernos do Cárcere**. São Paulo: Civilização Brasileira.
- HARDT, M. e NEGRI, A. (2001). **Império**. Rio de Janeiro: Record.
- LENIN, V.I. (1989). **Imperialismo, fase superior do capitalismo**. São Paulo: Global.
- MARX, K. e ENGELS, F. (2007). **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo.
- MARX, K. (2007). **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo.
- \_\_\_\_\_ (2002). **O Capital**. São Paulo: Civilização Brasileira.
- POULANTZAS, N. (1978). **As classes sociais no capitalismo hoje**. Rio de Janeiro: Zahar.